



O capital social como instrumento de inclusão social na cadeia produtiva do *Ananas comosus* de Muxúngue – Moçambique

*Social capital as an instrument of social inclusion in the pineapple production chain
in Muxungue - Mozambique*

JACOBÉ, Mateus¹; CAMBANHANE, Nelia Daluvia Rafael²; ALVES, Francisco
Xirlean Xavier³.

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, mateusjacob6@gmail.com; ² Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, neliacambaa@gmail.com; Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro – UFRRJ; alvesxavier11@ufrj.br.

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Manejo de Agroecossistemas

Resumo: O estudo objetiva analisar o capital social (CS) associado a cadeia de valor do ananás, com foco na avaliação do CS dos produtores de ananás nas comunidades rurais de Muxúngue. A amostra foi constituída por 30 elementos, escolhida através da amostragem não probabilística. Aplicou-se, igualmente, a entrevista, o questionário e a observação direta. A comercialização do ananás ocorre de forma simples, sendo feita a grosso e a retalho para os diferentes clientes que passam pela Estrada Nacional Nº 1 na zona central do país. Em Muxúngue produzem-se mais de 80 mil toneladas de ananás a cada safra agrícola e isto abre um caminho para o estabelecimento de novas relações entre os habitantes. Assim, com a interação social dos produtores de ananás permite-lhes fazer poupanças, possibilitando angariar valores monetários para galvanizar a sua produção. Assim, o capital social serve como garantia entre as populações praticantes da agricultura disponível para os que não têm acesso aos mercados de crédito regulares.

Palavras-chave: cultivo de abacaxi; desenvolvimento socioeconômico; organização social.

Introdução

Toda cadeia de valor apresenta etapas na execução do trabalho e serve para a reflexão relativa ao aperfeiçoamento do processo produtivo, por apresentar componentes que requer a sistematização e capacidades de organizações parceiras para uma articulação institucional, auxiliando assim na aplicação de ações para o desenvolvimento de políticas públicas (MOORE, 2007).

O ananás ou abacaxi, símbolo de regiões tropicais e subtropicais, tem grande aceitação em todo o mundo tanto na forma natural, quanto industrializado, agradando aos olhos, ao paladar e ao olfato. Segundo a maioria dos naturalistas e historiadores, o abacaxi é originário da América tropical e subtropical e, muito provavelmente, do Brasil (MEDINA *et al.*, 1978).

A produção do ananás em Muxúngue permite maior relação entre os produtores que até formam um capital social que usam para ampliar os serviços de crédito disponíveis nessas comunidades e para aumentar a eficiência com que aí operam os mercados, (PUTMAM, 1996).



O capital social, ensina Coleman (1990) não é uma entidade singular, mas uma variedade de diferentes entidades que possuem duas características em comum, consiste em algum aspecto de uma estrutura social e facilitam algumas ações dos indivíduos que estão no interior desta estrutura. O capital social, neste sentido, é produtivo, já que ele torna possível que se alcancem objetivos que não seriam atingidos na sua ausência. Quando, por exemplo, agricultores formam um fundo de aval que lhes permite acesso a recursos bancários que, individualmente lhes seriam negados, as relações de confiança entre eles e com os próprios bancos podem ser consideradas como um ativo social capaz de propiciar geração de renda.

Nesta região os produtores de ananás não têm tido oportunidades de financiamento, devido aos processos burocráticos dos bancos que acabam excluindo muitos agricultores, mas também a não existência de fundos direcionados aos agricultores com juros meramente bonificados para a melhoria da sua produção, pelo fato de serem considerados coniventes.

Estas realidades contribuem para o fraco nível de eficiência no que refere a um conjunto de deficiências de componentes agrícolas. Assim, o objetivo deste estudo foi analisar o capital social associado a cadeia de valor do ananás, com foco na avaliação do capital social dos produtores de ananás nas comunidades rurais de Muxúngue.

Metodologia

O estudo foi realizado em áreas do posto administrativo de Muxúngue (figura 1) em regiões conhecidas como Mangomonhe, Pandja e Matindiri, todas à margem direita para quem faz o troço Maputo-Pemba. Partindo da vila sede de Muxúngue em direção ao Leste, iniciamos com o trabalho quando começamos a encontrar as machambas dos produtores de ananás, daí percorremos cerca de 30 km a busca dos praticantes desta atividade até na região que faz limite com o distrito vizinho do Búzi.

No estudo aplicou-se o delineamento do método Estudo de Casos Múltiplos (YIN, 2015) uma vez que houve uma imersão intensiva com o objeto de estudo, também por se tratar de trabalho de campo em diferentes propriedades agrícolas familiares, onde se procedeu com as contextualizações.



Figura 1 - Mapa da localização geográfica de Muxungue. Fonte: Autores, 2021.

A pesquisa é do cunho bibliográfico, da qual foi desenvolvida com base de produções existentes em livros, artigos, monografias, dissertações e teses relacionadas com o assunto estudado em que para Marconi e Lakatos (2010), é a fonte de coleta de dados restritos a documentos escritos e eletrônicos, constituindo o que se denomina de fontes. Como técnicas e instrumentos de coleta de dados recorreu-se a entrevista, ferramenta possibilitou conhecer a realidade e compreender o ponto de vista dos entrevistados, de forma a facilitar a compreensão de todo o sistema social e produtivo.

O questionário serviu como um elo de ligação entre o pesquisador e os produtores do ananás, e estavam impressos preparados para receber respostas a todas as perguntas feitas para um levantamento de informações, e de uma forma sequenciada, de modo mais agradável para facilitar o preenchimento e devolução ao pesquisador. Permitiu que o pesquisador tivesse mais tempo de refletir de forma livre sobre a matéria, sem influência e também se usou o fluxograma que serviu para descrever os agroecossistemas das comunidades rurais de Muxungue.

Para o nosso estudo, a população foi constituída por quatro grupos focais entre eles os produtores de ananás, os assistentes técnicos do SDAE, comerciantes e os consumidores e a amostra foi constituída por 30 elementos, composta por quinze, produtores, 5 (cinco) comerciantes, 5 (cinco) consumidores e 5 (cinco) Técnico do SDAE, onde 1 (um) é o diretor Distrital. Para salvaguardar a identidade da amostra eles foram identificados por meio de códigos. Os produtores de ananás foram identificados como (PA1, PA2, PA3...), os consumidores (CA1, CA2, CA3...), os técnicos do SDAE (T1, T2, T3...) e por fim para os comerciantes (CO1, CO2, CO3...).



Resultados e Discussão

A produção do ananás tem registado variações desde o período em que esta região se tornou uma referência a nível nacional. Estas variações têm tido como diversos fatores que influenciam como a questão da estiagem, a diminuição dos compradores devido a situação político militar, que muitas vezes culminou com o sequestro mesmo morte de pessoas inocentes (MANDEIA, 2013).

Os agroecossistemas nas machambas funcionam como sistemas sociais vivos afastados do equilíbrio, pois não existem apenas no domínio físico, mas também em um domínio social simbólico modelado pelo "mundo interior" dos conceitos, ideias e símbolos que surgem a partir da consciência do "viver coletivamente" a partir de convenções sociais estabelecidas por Capra e Luisi (2014), constritos flexíveis e continuamente renegociados.

Olhando para os ideais de Petersen et al (2017), as estratégias para a produção nos agroecossistemas demonstram um padrão em teia não linear de organização, nas quais suas emergências representam significados expressos na cultura e nos saberes para a produção de seus subsistemas (produtos) e na busca constante por melhores relações econômicas junto aos supras-sistemas.

A comercialização do ananás ocorre tanto no mercado (no território), ou seja, nas próprias machambas como na Vila e no mercado convencional (fora do território), a grosso e a retalho. Quanto às formas de produção para o estabelecimento das culturas, observamos em campo que as famílias produtoras desempenham seu trabalho de maneira muito dependente das trocas mercantis e poupanças (*xitiques*), ou seja, a reprodução econômico-ecológica dos agroecossistemas é assegurada pela mobilização e transformação de recursos a cada ciclo produtivo (BOURDIEU, 1986).



Figura 2: Trabalho em conjunto na machamba de ananás em Muxúngue (A). Interação Social entre os produtores (B). Fonte: Autores (2021).



Os recursos necessários (ecológicos e sociais) são mobilizados na forma de mercadorias por meio de relações de compra e venda, inclusive crédito. Essa dependência se evidencia nas atividades das cadeias de valor do ananás, como a realização de abertura e limpeza do terreno, aquisição de mudas, plantios e manutenção, além da colheita e escoamento da produção.

Nessa perspectiva, o capital social reside na estrutura das relações entre diferentes atores, ao contrário do capital económico (recursos financeiros) e, ainda, do capital humano, na cabeça das pessoas. Nesse enfoque, o capital social sustenta-se com base nos diferentes tipos de relacionamentos voltados ao coletivo, isto é, ao bem comum (FACCIN; MACKE; GENARI, 2013).

Conclusões

Em Muxúngue a produção do ananás é uma referência a nível nacional, contudo o crescimento da produção é fustigado, não só pela estiagem, diminuição dos compradores, situação política militar, a pandemia da COVID-19, mas também a falta de acompanhamento técnico na parte da conservação em cada safra agrícola; tem se registado desperdícios de toneladas de ananás deteriorado devido a falta de um mercado com condições de conservação, além da inexistência de um comprador que possa revender para os supermercados existentes no nosso país e/ou a falta de uma empresa para processamentos manufaturados da fruta.

O capital social dos produtores de ananás, em Muxúngue abre um caminho para o estabelecimento de novas relações entre os habitantes de uma determinada região. Assim com a interação social dos produtores de ananás permite-lhes poupanças *xitiques* possibilitando angariar valores monetários para galvanizar a sua produção, assim que as associações existentes não funcionam na totalidade, devido a situações políticas militares, temendo desta forma sequestros, portanto o capital social serve como garantia entre as povoações praticantes da agricultura disponível para os que não têm acesso aos mercados de crédito regulares, fazendo algumas poupanças de valores monetários.

Agradecimentos

Serviços Distritais de Atividades Econômicas - SDAE

Referências bibliográficas

BORDIEU, Pierre. The forms of capital. *In*: RICHARDSON, J. editor. **Handbook of theory and research for the sociology of education**. New York: Greenwood Press. 1986.15 p.

CAPRA, Fritjof.; LUISI, PierL. **A Visão Sistêmica da Vida: Uma Conceção Unificada e suas Implicações Filosóficas, Políticas, Sociais e Econômicas**. São Paulo – SP, 2014. 616 p.



COLEMAN, James S. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**. Vol. 94, 1990. 27 p.

FACCIN, Kadígia.; MACKE, Janaina.; GENARI, Denise. **Mensuração do Capital Social nas Redes Colaborativas Vitivinícolas da Serra Gaúcha**. Revista O&S, v 20, n 65, p. 303-320, 2013.

MANDEIA, Francisco. Processamento de ananás adiado. **Jornal Notícias**, v. 7, n. 4, p. 1 - 2. 2013.

MARKONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologias Científica**. 7ª Edição. São Paulo: Atlas. 2010. 297 p.

MEDINA, Julio C. *et al.* **Abacaxi: cultura, matéria-prima, processamento e aspectos econômicos**. Campinas: Instituto de Tecnologia de Alimentos. 1987. 285 p.

MOORE, Mark H. Texto: Criando valor público por meio de parcerias público-privadas. **Revista do Serviço Público**, v. 58 n. 2, p. 151-179. 2007.

PETERSEN, Paulo; SILVEIRA, Luciano M.; FERNANDES, Gabriel B.; ALMEIDA, Silvio G. Método de Análise Econômica-Ecológico de Agroecossistemas. 1ª ed. **AS-PTA**, Rio de Janeiro, 2017. 246 p.

PUTNAM, Robert D. Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: **Fundação Getúlio Vargas**, 1996. 77 p.

YIN, RobertK. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman. 2015. 290 p